

O desenvolvimento do prefixo não

Lucas Campos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CAMPOS, L. O desenvolvimento do prefixo não. In: OLIVEIRA, K., CUNHA E SOUZA, HF., and SOLEDADE, J., orgs. *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 247-271. ISBN 978-85-232-1183-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O DESENVOLVIMENTO DO PREFIXO *NÃO*¹

Lucas CAMPOS
(UESB - UFBA/PROHPOR)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como objetivo nuclear a indicação da perspectiva semântico-funcional do desenvolvimento do prefixo *não-* no português brasileiro contemporâneo. Como objetivo subjacente, o de reafirmar a tese de gramaticalização do item adverbial *não* em direção ao estatuto de prefixo (CAMPOS, 2001). O artigo constitui-se das seguintes partes: *Considerações iniciais*, momento em que informamos sobre os objetivos específicos do trabalho, a hipótese levantada, os procedimentos metodológicos adotados e o *corpus* utilizado; (1) *O Funcionalismo e o processo de gramaticalização*, seção em que apontamos os pressupostos teóricos, norteadores do estudo e apresentamos um breve comentário acerca do processo de gramaticalização; (2) *Os prefixos de negação no português brasileiro contemporâneo*, onde são apresentados os prefixos cristalizados como de negação, daqui para a frente (PTNs): *a-*, *des-* e *in-*; (3) *A palavra não no português brasileiro contemporâneo*, seção em que fazemos uma breve apresentação desse item que representa o alvo deste trabalho; (4) *Prefixóides e pseudoprefixos ante o processo de gramaticalização*, parte em que debatemos sobre o processo em que esses elementos encontram-se envolvidos; (5) *A trajetória de gramaticalização do não como prefixo no português brasileiro contemporâneo*, momento em que apresentamos, resumidamente, o percurso morfossintático percorrido pelo advérbio *não* em direção ao estatuto de prefixo; e (6), o cerne deste trabalho, o tópico intitulado *O desenvolvimento semântico do prefixo não-*. Para encerrar o texto, tecemos as *Considerações finais* e, por fim, apresentamos as fontes que nos serviram de *Referências*.

Com base no postulado de Bolinger (1977, *apud* CUNHA, COSTA E CEZARIO, 2003, p. 31) de que a condição natural da língua é preservar uma forma

¹ Agradeço ao prof. Dr. Mário Eduardo Toscano Martellota e à Profª. Drª. Therezinha Maria Mello Barreto os comentários e sugestões apresentados. Ficam sob minha inteira responsabilidade, no entanto, os lapsos, deslizes, equívocos e inconsistências que, porventura, possam ser encontrados neste texto.

para um sentido e vice-versa, levantamos a hipótese de que, embora à primeira vista se possa considerar o prefixo *não-* como sinônimo dos PTNs, ele se apresenta com comportamento diferente, podendo assumir uma autonomia semântica, ou seja, o item gramatical *não-* pode emprestar uma acepção genuína às bases a que se adjunge. Para a comprovação dessa hipótese, lançamos mão de ocorrências de uso do *não* prefixal, recolhidas - durante os anos de 1999 e 2000 - em um jornal de grande circulação na cidade de Salvador, Bahia. Dados por nós recolhidos quando da realização de um estudo anterior (CAMPOS, 2001, v. II). Com esses contextos, em que aparecem formações prefixadas com o *não*, desenvolvemos uma análise contrastiva, isto é, aplicamos um dos PTNs às bases que tinham recebido o *não-* como prefixo. Apenas por uma questão metodológica, esclarecemos que se trata de um estudo contrastivo, não de uma abordagem variacionista.

Mesmo com a ciência, emprestada por Martelotta (2003, p. 71), de que a comunicação parece ter um caráter elástico, por se adaptar a diferentes contextos, em função de necessidades comunicativas localizadas, tomamos um dos dicionários mais utilizados no país, o de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (ABHF), como ponto de apoio para a consulta sobre o raio de significação dos PTNs. Utilizamos a edição de 2000, apresentada com o título: “Novo Aurélio, século XXI”.

Como suporte teórico, tomamos por base os pressupostos do Funcionalismo, especificamente aqueles da linha funcionalista norte-americana, nos termos de Heine (2003) e Hopper e Traugott (2003[1993]).

1 O FUNCIONALISMO E O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

No panorama da ciência da língua(gem), o conceito de Funcionalismo encontra-se historicamente ligado à primeira Escola Lingüística de Praga, conjunto de autores, dentre eles, Jakobson e Trubetzkoy, que, entre os anos de 1929 e 1938, participaram do Círculo Lingüístico de Praga, tendo publicado seus trabalhos com o título *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*.

A rigor, os estudos sobre as funções da linguagem são oriundos do campo da psicologia, como aponta Câmara Jr. (1974, p. 17), ao indicar que, preocupado com

o estudo do pensamento humano, o psicólogo alemão Karl Bühler (1934) apontou três funções para a linguagem: (i) a representativa, ou de representação, cuja característica central seria a de analisar, ordenar e representar o espaço vital do homem: o ambiente em que ele vive; (ii) a de exteriorização psíquica, em que a linguagem estaria empenhada em exprimir as emoções humanas; (iii) a apelativa, em que a linguagem procuraria influenciar o receptor, com vistas à mudança do seu comportamento.

Jakobson adicionou outras três funções a essas, correlacionando-as a cada um dos componentes do processo de comunicação: (i) a função poética que, centrada na mensagem, reveste-a de um tratamento estético, procurando dotá-la de criatividade e/ou de subjetivismo; (ii) a função metalingüística que, centrada no próprio código, procura explicá-lo; e (iii) a função fática, que visa à manutenção do contacto entre o emissor e o receptor. Desse modo, Jakobson fixou seis funções para a linguagem, cada uma delas mais diretamente ligada a um dos fatores do ato de comunicação verbal: (i) ligada ao contexto – função referencial; (ii) ligada ao emissor – função emotiva; (iii) ligada ao destinatário – função conativa; (iv) ligada ao contato – função fática; (v) ligada ao código – função metalingüística; (vi) ligada à mensagem – função poética.

Partindo dessas bases, o Funcionalismo, no decorrer do tempo, vem trilhando um desenvolvimento próprio e diversificado, de modo que podemos encontrar uma série de modelos teóricos ligados a essa corrente de estudos linguísticos, caracterizados pelo interesse da investigação das línguas em seu contexto de uso. Dessa investigação subjaz a observação sobre a mudança linguística, estudos que, como afirma Martelotta (2003) estão “estritamente associados à teoria da gramaticalização”.

O processo de *gramaticalização* tem sido objeto de estudos variados e conceituações diversas, dentre elas a de Hopper e Traugott (2003[1993], p.1), que o definem como a parte do estudo da mudança linguística preocupado em analisar como itens lexicais e construções, em determinados contextos lingüísticos, passam a desempenhar funções gramaticais e/ou como itens gramaticais passam a desenvolver novas funções mais gramaticais ainda.

Os autores indicam que, em 1912, Meillet definiu esse tipo de mudança como a “atribuição de um caráter gramatical a uma forma anteriormente autônoma.” Mas que os estudos sobre a gramaticalização, porém, estão originalmente ligados a Humboldt que, no trabalho intitulado *A respeito da gênese das formas gramaticais e de sua influência na evolução das ideias*², publicado em 1822, sugeriu que as estruturas gramaticais das línguas humanas são oriundas do processo de mudança em que itens usados para exprimir idéias concretas, aos poucos, vão sendo empregados para a expressão de conceitos abstratos e, nesse mesmo passo lento e gradual, vão atingindo um estágio de clítico, a partir do qual podem chegar ao ponto de se fundir com outras formas.

Com base nesses postulados, pois, é que passamos a descrever o desenvolvimento funcional do item *não*, a sua trajetória do estatuto de advérbio ao de prefixo.

2 OS PREFIXOS DE NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

No português brasileiro contemporâneo, destacam-se, alguns elementos prefixais com sentido de negação: *a-*, *des-*, *in*, *anti-*, *contra-*, e *sem-*, entre outros. Em função da natureza do presente trabalho e pelo fato de se apresentarem mais cristalizados como prefixos, apreciaremos apenas as formas *a-*, *des-* e *in-* quanto à origem e ao valor semântico.

2.1 O PREFIXO A-

Dentre os autores consultados, Pereira (1926, p. 195-201), Sousa da Silveira (1952, p. 111-114), Coutinho (1958, p. 190-193), Bechara (1976, p. 68-112), Sacconi (1982, p. 208-231), Cunha (1986, p. 103-130), Rocha Lima (1992, p. 200-227), Cegalla (1995, p. 56-77) e Almeida (1999, p. 386-405) atribuem ao prefixo *a-*, (*an-*, antes de vogal), a origem grega e o sentido de ‘privação’, ‘negação’, ‘carência’: *acatólico*, *acéfalo*, *apétala*, *afonia*, *apensia*, *áptero*, *átono*, *anervia*, *anemia*, *analfabeto*, *anarquia*, *anidro*, *ateu*, *apatia*, *anônimo*, *analgésico*, *anômalo*, *acromático*, *amorfo*, *abulia*, *anestesia*.

² Über das Entstehen der grammatikalischen Formen und ihren Einflub auf die Ideenentwicklung.

Pereira (1926, p. 195-201), Cunha (1986, p. 103-130) e Cegalla (1995, p. 56-77) admitem para o *a-* também a origem latina, com o sentido de ‘apartamento’, ‘separação’ -: *aversão, abdicar, abjurar, abster, abstrair, amovível, aversão, abnegado, abster-se, abstêmio, afastar*; e com o sentido de ‘aproximação’, ‘adicionamento’, ‘passagem para um estado’ - Sousa da Silveira (1952, p.111-114), Coutinho (1958, p. 190-193) e ainda Cunha (1986, p.103-130) e Cegalla (1995, p.56-77): *amontoar, alinhar, avizinhar, acercar-se, abeirar-se, ajuntar, abeirar, adoçar, aquecer, adormecer, apodrecer, adquirir, adjunto, adjacência, aderir, adventício, admirar*.

Nesse caso, podemos afirmar que temos uma situação de homonímia, ou seja, dois prefixos *a-*, um de origem latina e outro de origem grega.

2.2 O PREFIXO *DES-*

Para o prefixo *des-*, Sacconi (1982, p. 208-231), Cunha e Cintra (1985, p. 75-115), Rocha Lima (1992, p. 200-227), Cegalla (1995, p. 56-77) atribuem origem latina, com os sentidos de:

- Ação contrária - *desandar, desarrumar, desdizer, desenterrar, desfazer, desimpedir, deslebrar*;
- Separação - *desviar, desvio, descascar, descontar, desfolhar, deslocar, destacar, desterrar, dissentir, dissociar*;
- Privação, negação - *desamor, desarmonia, desculpa, desengano, desfazer, desgraça, desagradável, desolado, desleal, desonesto, desonra, desordem, desprotegido, desumano, decair*;
- Destruição: *desmantelar, desmontar, despedaçar*;
- Aumento, intensidade, valor expletivo - *desabusado, desbaratar, descomunal, descrever, desferir, desfeiar, desgastar, desinquietar, desinquieto, deslindar, desnudar, desnudez, despavorido, desperdiçar, despertar*.

Pereira (1926, p.195-201) destaca que *des-* é comumente anteposto a verbos; Sousa da Silveira (1952, p. 111-114) especifica as seguintes origens:

des- < dis-
< de + ex-

Coutinho (1958, p. 190-93) lhe atribui uma única origem, *des-* < *de* + *ex* e admite também a forma *dis-*: *dissentir*, *disseminar*, *dissidente*, *dissuadir*, ressaltando que alguns gramáticos consideram *des-* como derivado do prefixo *dis-*; Almeida (1999, p. 386-405) o apresenta como prefixo vernáculo, com origem nas formas latinas *de* + *ex*.

Said Ali (1965, p. 249-253), contrariamente aos gramáticos já citados, pensa que esse prefixo não procede da junção das preposições latinas *de* e *ex*, tendo em vista não se fazer semelhante operação no latim culto e o fato de ser improvável que o latim vulgar, no qual o emprego de *ex*, como preposição, tendia a desaparecer, sentisse a necessidade de agregá-la a outra partícula para constituir um prefixo duplo. Para o autor, *des-*, como prefixo, usado com sentido negativo ou de contradição, é a romanização de *dis-*, forma que se manteve inalterada em alguns vocábulos recebidos do latim, mas que, na língua portuguesa, teria tomado a forma *des-*. A alteração fonética veio acompanhada de sensível diferenciação semântica: desenvolveu-se o sentido negativo que se começava a observar em palavras latinas como *dispar*, *dissimilis*, entre outras, e apagou-se, ao mesmo tempo, o sentido de separação ou divisão próprio do prefixo latino.

O autor assinala ainda que fenômeno linguístico de outra ordem é o emprego de *des-* com sentido positivo, ou pleonástico, resultante, não da fusão de elementos latinos, mas da *confusão* de elementos já romanizados; vocábulos dessa espécie, embora poucos, foram criados depois de constituído o idioma e são usados, quase todos, como meras variantes de outras formações: *desinquieta* e *inquieta*; *desaliviar* e *aliviar*; *desfarelar* e *esfarelar*; *descalvado* e *escalvado*; *descampado* e *escampado* e alguns mais. O autor acrescenta que, como sucessor do latim *dis-*, o prefixo *des-*:

(i) forma substantivos com os seguintes valores semânticos:

- a) coisa contrária ou falta do que é denotado pelo termo primitivo: *desabrigo*, *desordem*, *desconfiança*, *desconforto*, *desprimor*, *desamparo*, *desacordo*, *desarmonia*,

desventura, desonra, desavença, desatenção, desrespeito, desequilíbrio, desproporção, descaso;

b) cessação de algum estado: *desengano, desilusão, desagravo, desuso;*

c) coisa mal feita: *desserviço, desgoverno.*

(ii) forma adjetivos com os quais se nega a qualidade primitiva: *descortês, desumano, desconexo, desconforme, desleal, desnatural, desigual.*

(iii) e, nos verbos, denota:

a) ato contrário ao expresso pelo verbo primitivo: *desenterrar, desfazer, desabotoar, desenrugar, desapertar, desentupir, desobedecer, desembrulhar, desatar, descoser, desembainhar, desembaraçar;*

b) cessação da situação primitiva: *desempatar, desoprimir, desmamar, desenganar, desimpedir;*

c) ato de tirar ou separar alguma coisa de outra: *descascar, desmascarar, descaroçar, desbarbar, desbarrar, desfolhar, desbarretar.*

d) destruição: *desmantelar, desmoronar;* separação: *descascar, destacar, deslocar, desterrar, desfolhar.*

2.3 O PREFIXO *IN-*

Para a apreciação desse prefixo, é importante ter em mente a seguinte observação de Cunha e Cintra (1985, p. 86):

As alterações sofridas pelos prefixos são provocadas quase sempre pelo fenômeno chamado *assimilação* que consiste em um fonema absorver as características de outro que lhe está contíguo. Pelo fato de a *assimilação* identificar dois fonemas, é comum o desaparecimento do primeiro deles: *in-legal > il-legal > ilegal.*

Os autores advertem também que a *assimilação* é um fato fonético e não deve ser confundida com as acomodações que, na escrita, sofrem certos prefixos por exigência do nosso sistema ortográfico. Assim, *in-fiel*, mas *im-produtivo*; *i-migrar*, mas *ir-romper*; etc.

Entre os diversos sentidos que o *in-* pode expressar, destacamos os seguintes:

- negação – *infeliz, incauto, indecente, indelicado, incapaz, incômodo, indigno, inativo, incerteza, independência, indispensável, inimigo, inútil, injusto, ilegal, ignóbil, impróprio, impermeável, impotente, imprestável, impuro, impenitente,*

imerecido, imortal, impávido, imberbe, imbecil, imortal, imutável, imenso, imaterial ilegal, ilícito, irregular, irresoluto, irreal;

- intensidade – *incriminar, ilustre, irrigar, implorar, irradiar, irromper;*
- superposição, aplicação em cima, colocação - *impor, instruir, inundar, incorrer, indigitar, imprensar, infração, insolar imprensar, incandescer, incinerar, inflamar, irradiar;*
- apelo de auxílio ou de favor – *invocar, implorar;*
- oposição – *impugnar, impelir;*
- movimento para dentro – *ingerir, inserir, influir, incrustar, importar, injetar, inspirar, impelir, imprimir, imergir, ilação, iludir, iluminar, inalar, imigrar, enamorar, engarrafar, enterrar, entesourar, entroncar, engolir, embeber, embarcar;*
- posição intermediária ou de repouso – *imerso, infixo, inscrever, insídia, insigne, ínsito;*
- privação – *ignorância;*
- direção, propensão, tendência: *inferir, indício;*
- mudança de estado – *emudecer, empalidecer, entristecer, engordar.*

Pereira (1926, p.195-201) admite o *in-* como prefixo vernáculo e ressalta que ele é anteposto em geral aos nomes: *injusto, incapaz, inábil, inóspito, inegável, inverdade, independência, inimigo*. Said Ali (1965, p. 249-253) comenta que esse prefixo é usado com dois valores semânticos, de acordo com a sua origem dupla: (a) prefixo negativo: *incompleto, inútil*³, etc.; (b) advérbio-preposição latina *in-* com sentido diretivo: *inundar, implantar, inscrever, inspirar, insurgir, incorrer, imigrante*, etc., e acrescenta que não pode ser feita a análise semântica de muitos vocábulos dessa segunda espécie, sem remontar ao latim.

3 A PALAVRA *NÃO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

A palavra *não* é classificada pelos gramáticos do português arcaico: Huber (1986 [1933], p. 260-261), Sousa da Silveira (1952, p. 304-306) e Coutinho (1958, p.

³ Sobre o *in-* com valor negativo, Said Ali (1965, p. 229-230) defende que, tanto em latim, quanto em qualquer outra língua indo-européia, esse elemento ocorre sempre funcionando como prefixo.

294), entre outros, como advérbio de negação, com a função de modificar um adjetivo, um verbo ou outro advérbio. Essa mesma classificação é feita pelos gramáticos normativos do português contemporâneo, embora muitos deles já lhe atribuam o *status* de clítico, incluindo-o no rol dos prefixos de negação.

Com efeito, dada sua força de expressão, esse item tem sido empregado com grande freqüência, antes de participios, adjetivos e, até mesmo, de substantivos. Nesse caso, alguns autores consideram-no um *prefixóide* ou *pseudoprefixo*. A seguir, analisaremos esses conceitos ante o processo de gramaticalização.

4 PREFIXÓIDES E PSEUDOPREFIXOS ANTE O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Rocha Lima (1998, p.164) considera *prefixóides*, os elementos prefixais que aparecem em uma só palavra. Ele os define como falsos prefixos, pelo fato de serem irrecorrentes, enquanto os prefixos são, por definição, recorrentes; apresenta as palavras *obter*, *supor*, *descobrir*, *contracenar*, *resguardar* e *manter* como exemplos de palavras que contêm prefixóides e acrescenta que em *contracheque*, *contrabaixo* e *contradança* há três prefixóides distintos, pelo fato de cada um deles ter um sentido especial. “Trata-se, na verdade, de **prefixóides** homófonos”, explica o autor.

Cunha e Cintra (1985, p. 111-113) conceituam os *pseudoprefixos* ou *prefixóides* como certos radicais latinos e gregos que adquiriram sentido especial nas línguas modernas, assumindo o sentido global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes:

Assim *auto-* (do grego *autós* = próprio, de si mesmo), que ainda se emprega com o valor originário em numerosos compostos (por exemplo: *autodidata* = que estudou por si mesmo; *autógrafo* = escrito pelo próprio autor), passou, com a vulgarização de *auto*, forma abreviada de *automóvel* (= veículo movido por si mesmo), a ter este significado em uma série de novos compostos: *auto-estrada*, *autódromo*, etc.

Os autores destacam que os *prefixóides* ou *pseudoprefixos* se caracterizam por: (a) apresentarem um acentuado grau de independência; (b) possuírem uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito

complexo e, portanto, de um sintagma; (c) terem, de um modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos.

Maurer Jr. (1951, p. 124) refere-se apenas ao termo *pseudo-prefixo*⁴. Ao apresentar o prefixo *archi-*, comenta que lhe chamam alguns “pseudo-prefixo” e considera imprópria essa distinção por tratar-se de um “prefixo grego que acabou por naturalizar-se como verdadeiro prefixo modernamente nas línguas românicas...” No que se refere a *bis-* (*bi-*), afirma tratar-se de um advérbio latino empregado, às vezes, como verdadeiro prefixo, mas que, por não apresentar grande vitalidade, pode ser considerado *simplesmente como pseudo-prefixo*.

Para Sandmann (1996, p. 106), são prefixóides os elementos linguísticos que têm como correspondentes livres preposições e advérbios: *além (de), bem, contra, mal, não, pró, sem, sobre*. O autor apresenta um quadro que mostra como Aurélio e alguns gramáticos⁵ do português classificam esses elementos: se os consideram prefixos, membros de palavras compostas, ou não os enquadram nesses casos. Sandmann comenta que a respeito de *mal, não e sem* não há observações no Aurélio, mas o dicionarista apresenta diversas formações de palavras com os mesmos: *mal-educado, não-alinhado, sem-vergonha*, etc..

Iorgu e Manoliu (1989, p. 37-49), considerando os prefixos face aos *pseudoprefixos* (ou *prefixóides*), apontam, como semelhança entre ambos, o fato de serem antepostos às palavras, impondo-lhes um novo sentido. As diferenças são: (a) os prefixos procedem de advérbios e preposições, enquanto os pseudoprefixos ou prefixóides, além dessas categorias, procedem também de outras classes gramaticais; (b) os *pseudoprefixos* ou *prefixóides* são todos de origem grega ou latina e de formação relativamente recente em função das descobertas e inovações científicas; (c) os *pseudoprefixos* ou *prefixóides* não apresentam grande rendimento, por serem únicas as descobertas e inovações.

Como se pode observar, os autores utilizam-se dos termos *pseudoprefixos* ou *prefixóides* ora designando elementos linguísticos que têm como correspondentes livres advérbios ou preposições, ora designando radicais gregos ou latinos que

⁴ *Pseudo-prefixo*. Grafia do autor.

⁵ Dentre eles: BECHARA, Evanildo (1969). *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional e CUNHA, Celso (1976). *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares.

adquiriram sentido especial nas línguas modernas, ou ainda elementos irrecorrentes ou sem grande produtividade. Consideramos *pseudoprefixos* elementos como *radio* e *auto* que assumem o conteúdo total da palavra em que se inserem e, com esse novo sentido, passam a funcionar como novos prefixos, dando origem a novas palavras, e *prefixóides* certos advérbios e preposições como *sem*, *não*, *mal*, entre outros que, antepondo-se a nomes e adjetivos, conservam o significado original e contribuem para a formação de novos itens lexicais. Maiores detalhes a respeito desse assunto podem ser encontrados em Campos (2001).

Examinando o conceito de gramaticalização de Hopper e Traugott (2003[1993], p. 1) e de Heine (2003, p. 577), podemos definir que esse processo refere-se ao estudo voltado para os mecanismos de como os itens lexicais e construções passam por mudanças linguísticas, nas quais assumem funções gramaticais e/ou como itens gramaticais passam a desenvolver funções mais gramaticais ainda.

Heine (2003, p. 579) aponta quatro mecanismos inter-relacionados, envolvidos no processo de gramaticalização: (1) *Dessemantização*, (2) *Extensão*, ou seja, possibilidade de uso em novos contextos, (3) *Descategorização*, *cliticização* ou *afixação*, isto é, perda do estatuto de forma independente, (4) *Erosão* ou *redução fonética*, o que se traduz por perda de substância fonética.

À luz desses mecanismos, podemos identificar que itens lexicais como: *automóvel*, *fotografia*, entre outros, podem ter experimentado, inicialmente, uma erosão, ou seja, uma redução fonética: *fotografia* > *foto* e, ao mesmo tempo, uma decategorização: Nome > Clítico (prefixo).

Por outro lado, aplicando os princípios da gramaticalização descritos por Hopper (1991), podemos afirmar que esses elementos experimentaram: (1) a *estratificação*: uma nova camada emergiu, coexistindo com a camada mais antiga; (2) a *divergência*: a forma original permaneceu na língua, sujeita a outras transformações; (3) a *especialização*: as formas gramaticalizadas assumiram uma nova carga semântica, mais geral; (4) a *persistência*: as novas formas guardaram traços semânticos da forma original e (5) a *descategorização*: as formas, uma vez gramaticalizadas como prefixo, perderam as suas marcas morfológicas e

propriedades sintáticas da categoria plena *nome* e passaram a se comportar como prefixo.

Assim, os itens anteriormente citados resultaram em: *foto-* (*fotonovela*); *auto-* (*autopista*). Portanto, elementos prefixais, oriundos do grego ou do latim, que entram em formações relativamente recentes, por nós considerados *pseudoprefixos*, parecem ser, de fato, resultantes de um processo de gramaticalização. Se aplicarmos os mesmos princípios anteriormente descritos aos elementos linguísticos apresentados por Sandmann (1996, p. 108): *além (de), bem, contra, mal, não, pró, sem e sobre*, por nós denominados *prefixóides*, verificaremos que esses apresentam-se em diversas fases de gramaticalização.

Podemos, então, concluir que elementos denominados prefixóides ou pseudoprefixos por alguns gramáticos normativos e lingüistas têm caráter diverso e podem ser considerados itens que se encontram em diferentes fases, etapas ou estágios do processo de gramaticalização. O *não*, por exemplo, atuando junto a nomes (substantivos e adjetivos), recategoriza-se: muda de categoria sintática; deixa de ser uma forma livre. Os princípios da *estratificação* e da *divergência* explicam a manutenção do advérbio *não* coexistindo com o elemento prefixal *não-*, do qual apresentaremos, na seção 5, a seguir, a trajetória de gramaticalização como prefixo, no português brasileiro contemporâneo.

5 A TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO DO NÃO COMO PREFIXO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Atuando ao lado de verbos, a palavra *não* se apresenta desempenhando a sua tradicional função de advérbio de negação. Anteposta a substantivos, adjetivos e participípios empregados como adjetivos, porém, podemos observar que esse item desempenha uma função diversa da que lhe é atribuída pela tradição gramatical, a de advérbio de negação. Essa observação nos levou a realizar uma pesquisa que culminou com a análise e explicitação da trajetória de gramaticalização do item *não*, do seu tradicional *status* de advérbio para o estatuto de prefixo, o que será indicado a seguir.

Realizamos a análise de classes gramaticais (exceto a de verbo pleno) das formas base, às quais o *não*- prefixal vem se adjungindo com certa frequência. Esse estudo representou um aspecto crucial para a compreensão da trajetória de gramaticalização do item *não* em direção ao estatuto de prefixo.

Detectamos o termo *não*, empregado junto a: (i) substantivos: (1) Os inspetores constataram a NÃO-EXECUÇÃO de serviços; (ii) adjetivos: (2) (...) cada pessoa leve um quilo de alimento NÃO-PERECÍVEL e (iii) participípios empregados como adjetivos: (3) As inscrições de textos (...) NÃO-EDITADOS (...) poderão ser feitas até o dia 15.

Detectamos a base do processo de gramaticalização desse item, já gramatical, para mais gramatical ainda, a partir do seu emprego como advérbio, normalmente em orações subordinadas adjetivas desenvolvidas, como ilustrado no exemplo que segue: (10) *veículo era dirigido por pessoa QUE NÃO ERA HABILITADA*.

Entendemos que o passo inicial (e talvez decisivo) dessa trajetória se consubstancia com a forma reduzida dessas orações, elaborada a partir da forma verbal do participípio, nos moldes do exemplo (4): O veículo era dirigido por pessoa NÃO-HABILITADA.

Nesse estágio crucial, em virtude do caráter híbrido do participípio, qual seja *verbal* e *nominal*, podemos observar que se enfraquecem os limites entre a forma livre do advérbio e a forma presa do prefixo, elementos representados pelo item léxico-gramatical *não*, dando origem a um contexto de intersecção entre as duas categorias propostas. Na seqüência desse *continuum*, a situação que se segue está representada pela extensão do emprego do *não* como uma partícula anteposta a adjetivos, isto é, como um **prefixóide**, como exemplificado em (5): NÃO SATISFEITOS, alguns fiscais investiram contra os estudantes.⁶

Neste ensejo, apresentamos também ocorrências semelhantes que tivemos a oportunidade de encontrar em dois documentos do século XVI, a Gramática de João de Barros (GJB) e a Crônica de D. Pedro (CDP):

⁶ Registramos aqui a oportuna observação do prof. Dr. Mário Eduardo Martelotta de que, nesse exemplo, se o constituinte *satisfeitos* for interpretado como um participípio, temos, então, uma oração subordinada adverbial causal, não adjetiva.

Ao derradeiro e quinto módo chamam *infinitivo*, que quer dizer NAM ACABÁDO, porque, além de careçer de números e pessoas, nam determina nem per si acába cousa algũa, como se verá neste exemplo..." (GJB - 330, l. 16).

E no módo infinitivo NAM ACABÁDO, por nam termos tempo passádo e vindoiro, ambos simples, sinificamos per rodeo o passádo, dizendo...(GJB - p. 340, l. 7).

...que os sogeitos am de fazer, e som chamadas príncipe NOM ANIMADO: e o rrei he príncipe animado, porque elas rrepresentam com vozes mortas o que o rrei diz per sua voz viva. (CDP - P.38).⁷

Mesmo os constituintes *satisfeitos, acabado e animado*, sendo interpretados como adjetivos, como o estamos fazendo aqui, o *não* ainda pode ser analisado como um advérbio, já que a essa categoria gramatical se atribui também a função de modificar o sentido de um adjetivo. Chamamos a atenção, contudo, para o fato de que, embora a gramática tradicional estabeleça que o advérbio *seja a palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio*, em se tratando do advérbio de negação, a incidência sempre se dá sobre o verbo da oração. Podemos então considerar que, no caso em análise, o *não* já pode ser interpretado como um elemento prefixal, embora essa análise possa provocar algum desconforto, dado o contexto fronteiroço aqui explicitado.

Quando, porém, se verifica a ocorrência da extensão do emprego do *não* com os substantivos, como em: (6) A NÃO-OCORRÊNCIA de acidentes pode ser creditada à sorte, não podemos sustentar mais a análise tradicional do *não* como advérbio, já que, normalmente, o escopo de atuação dessa categoria não inclui os substantivos.

Pudemos comprovar, assim, a gramaticalização do *não* como prefixo, indicando a origem do processo com o seu emprego nas cláusulas reduzidas de participípio (contexto em que o item representa claramente um advérbio), seguindo-

⁷ É digno de nota o fato de que as ocorrências encontradas no texto do gramático João de Barros referem-se ao seu discurso enquanto usuário da língua. O autor emprega as formas em questão para explicar um dado fenômeno gramatical. Consideramos, assim, esse fator de suma importância para essa análise de natureza funcional.

se do uso desse elemento anteposto a uma forma híbrida *particípio/adjetivo* (ponto de intersecção entre o estágio do advérbio e o estatuto de prefixo), consumando-se o processo com o emprego do *não* anteposto a substantivos (estágio em que o *não* assume o *status* de prefixo).

Podemos representar esse caso de mudança linguística, lançando mão do esquema postulado por Hopper e Traugott ([1993] 2003, p. 49). Ao apresentar a instigante questão: “When can we say that a change has taken place?” - Em uma tradução livre: Quando é que podemos atestar a consolidação de uma mudança? - os autores propõem o seguinte esquema:

$$A > \left\{ \begin{array}{c} A \\ B \end{array} \right\} > B \quad \text{ou} \quad A > A \sim B > B$$

Nesse esquema, temos um estágio que pode ser considerado primitivo “A”. Em seguida, um momento de coexistência, ou seja, um ponto de intersecção “A - B” e, finalmente, encontramos contextos em que se registra o item na sua nova função “B”.

No caso em estudo, o estágio “A” refere-se ao emprego do *não* com valor adverbial. O estágio “A - B”, ou seja, a situação de coexistência, ambiguidade ou intersecção ocorre com o emprego do *não* adjungido a adjetivos participiais. A resposta para a questão crucial levantada por Hopper e Traugott - “When can we say that a change has taken place?” - surge quando se verifica o emprego do item *não* anteposto a substantivos, estágio “B”.

Em consonância com Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 29), podemos afirmar que o Funcionalismo linguístico, dentre outras especificidades, se caracteriza por conceber a linguagem como um instrumento de interação social. Com efeito, seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical. Isso significa que a análise de um fenômeno, baseada apenas no ponto de vista da estrutura linguística se afigura demasiadamente mecânica. Antes, uma análise funcionalista deve buscar, no contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua. Com esse ponto de vista, pois, lançamos um olhar para contextos em que

se registram fatos de desenvolvimento do prefixo *não* na linguagem corrente, aspecto motriz do presente trabalho, que será a seguir apresentado.

6 O DESENVOLVIMENTO SEMÂNTICO DO PREFIXO *NÃO*-

Conforme esclarecido nas *Considerações iniciais*, realizamos uma análise contrastiva, isto é, nos contextos analisados, aplicamos, às mesmas bases, um dos PTNs (*a-*, *des-*, *in-*), paralelamente ao *não-*, a fim de testarmos seu desempenho semântico.

Consideramos o contraste entre:

- O grau de expressividade dos itens, em função da frequência de uso;
- Contraste entre as acepções “Qualidade/estado situacional (idéia de condição transitória)” e “Qualidade/estado essencial (idéia de condição permanente);
- Contraste entre as significações de “Falta de início” e “Abandono ou exclusão de uma prática ou ato”;
- Valor semântico das formas em face da restrição ou generalização de sentido;
- As acepções “Falta de início de um ato” e “Danificação (de algo)”.

Passemos, pois, à análise das ocorrências e dos seus respectivos contextos de uso.

Contraste entre o grau de expressividade dos itens, em função da frequência de uso

Não-tóxico	Atóxico
Não oficiais	Inoficiais
Não-confiável	Inconfiável
Não remunerada	Irremunerada
Não justificados	Injustificados

Quadro 01

Em consulta a ABHF encontramos:

Atóxico (cs) [De *a-*³ + *tóxico*]. Adjetivo. 1.Não tóxico. 2.Que não tem veneno.

Desigual [De *des-* + *igual*]. Adjetivo de dois gêneros. 1.Não igual; diferente, diverso.

2.Variável, mutável, mudável; incerto: *tempo desigual*. 3.Inconstante, instável, volúvel,

voltário: *temperamento, caráter, índole desigual*. 4. Não uniforme; irregular: *pulsações desiguais*. 5. Em que não há equilíbrio de forças; desproporcional: *combate desigual*. 6. Parcial; injusto. 7. Acidentado, irregular: *terreno desigual*. 8. P. us. extravagante, extraordinário, singular. 9. Ant. desconforme, impróprio. ~ V. *temperamento*.

Inoficial [De *in*-² + *oficial* (1 a 5)]. Adjetivo de dois gêneros. Não oficial.

Inconfiável [De *in*-² + *confiável*]. Adjetivo de dois gêneros. 1. Não confiável; em que não se pode ou em que não se deve confiar. [Pl.: *inconfiáveis*.]

Irremunerado [Do lat. tard. *irremuneratu*]. Adjetivo. 1. Não remunerado; sem recompensa.

Injustificável [De *in*-² + *justificável*]. Adjetivo de dois gêneros. 1. Não justificável. [Pl.: *injustificáveis*.]

Como podemos observar, a descrição das palavras formadas pelos PTNs se dá através do emprego do *não* como prefixo. A partir desse fato, poderíamos encarar cada par desses itens como sinônimos. Tomando por base, contudo, o postulado de Bolinger (1977, *apud* CUNHA, COSTA e CEZARIO, 2003, p. 31) de que a condição natural da língua é preservar uma forma para um sentido e vice-versa, buscaremos, a partir de contextos de uso do prefixo *não*-, indicar a diferença de sentido entre cada par de formas em questão.

(7) ...veículo movido a gás natural NÃO-TÓXICO.

(8) ...enviados NÃO OFICIAIS estariam negociando com o abbu...

(9) ...sob alegação de ser lento NÃO -CONFIÁVEL e parcial

(10) ...na reserva NÃO REMUNERADA.

(11) ...ou subsídios socialmente NÃO JUSTIFICADOS

Em primeira mão, podemos admitir um aspecto pragmático que diz respeito à relação do usuário com as formas da língua. Nesse caso, vamos considerar que o prefixo *a*-, com valor negativo, talvez por ser pouco produtivo, ou seja, de emprego raro, não causa no ouvinte ou leitor o mesmo impacto que o *não*-. O *in*-, embora um pouco mais produtivo que o *a*-, segue seus passos. Essa realidade faz com que a significação desses itens se torne cada vez mais distante da realidade do

usuário da língua. Corrobora essa idéia uma informação de Alves (1987, p. 1027), a de que Li Ching, num trabalho sobre palavras formadas por prefixação, usando um *corpus* constituído por revistas e jornais portugueses de 1966 a 1969, afirma que, entre os prefixos negativos e privativos do português, o *não-* é o mais atual, o que contém a ideia negativa mais pura. O aspecto “valor ou grau de expressividade” pode, pois, quebrar a suposta sinonímia entre os pares das formas do quadro 01. A seguir, veremos o contraste “Qualidade/estado essencial X Qualidade/estado situacional”.

Contraste entre as acepções “Qualidade/estado situacional (idéia de condição transitória)” e “Qualidade/estado essencial (idéia de condição permanente)”

Qualidade/estado situacional (idéia de condição transitória)	Qualidade/estado essencial (idéia de condição permanente)
Não alfabetizada	Analfabeta
Não-percível	Impercível
Não satisfeitos	Insatisfeitos
Não-realizadas	Irrealizadas
Não-Execução	Inexecução
Não-idôneas	Inidôneas
Não-habilitada	Desabilitada
Não concluídas	Inconclusas
Não submissa	Insubmissa
Não aplicabilidade	Inaplicabilidade
Não-engajado	Desengajado

Quadro 02

Podemos apontar que existe alguma diferença – embora muito discreta – de valor semântico entre as formações geradas a partir do emprego do prefixo *não-* e dos **PTNs**. Indicamos aqui que as expressões geradas a partir da aposição desses prefixos dão ideia de condição permanente, ao passo que aquelas nascidas por interferência do *não-* apontam para uma condição transitória. O *não-*, a despeito de indicar ‘ausência de’, traz no seu significado uma sugestão de movimento, sugere a possibilidade de uma dinâmica em direção à suplantação da falta indicada. Os **PTNs**, ao contrário, tendem a indicar um estado absoluto. Podemos comprovar isso, através de um exame aos seguintes contextos:

- (12) ...NÃO SATISFEITOS, os fiscais investiram contra os estudantes...
- (13) ...pagamentos ... por obras NÃO -REALIZADAS.
- (14) ...os inspetores constataram a NÃO -EXECUÇÃO de serviços.
- (15) ...envolve as distribuidoras NÃO-IDÔNEAS.

- (16) ...o veículo era dirigido por pessoa NÃO -HABILITADA.
- (17) ...pelas investigações NÃO CONCLUÍDAS.
- (18) ...uma justiça NÃO SUBMISSA aos interesses.
- (19) ...e a NÃO APLICABILIDADE no processo do trabalho.
- (20) ...um tipo de teatro e literatura NÃO -ENGAJADOS ideologicamente.

Sobre os contextos:

- (21) ...pessoas NÃO ALFABETIZADAS como poderiam se orientar? - e (29) ...cada pessoa leve um quilo de alimento NÃO -PERECÍVEL.

Podemos adicionar os seguintes comentários:

- (i) O *status* de *alfabetizado(a)* está previsto na organização social e política do país, desse modo, pessoas NÃO ALFABETIZADAS são aquelas que ainda não atingiram essa condição.
- (ii) Observando o verbete *impercível*, descrito por ABHF:

Impercível [De *im-²* + *percível*]. Adjetivo de dois gêneros. 1. Que não há de perecer; que não pode perecer; perdurável, imorredouro, impercedouro, eterno: “O *Novum Organum* [de Francis Bacon] é um dos monumentos impercíveis da cultura e do progresso da ciência.” (Austregésilo de Ataíde, *Conversas na Barbearia Sol*, p. 27.).

Através dessa descrição, podemos depreender que essa formação adjetival refere-se, preferencialmente, a predicativos espirituais e culturais, ou seja, valores que, quando não encarados como eternos, possuem uma durabilidade estimada em séculos. A forma *não-percível*, por seu turno, traz consigo duas particularidades ao menos: a primeira, a de que se trata de um adjetivo aplicado a um elemento que nomeia um bem material e a segunda, subjacente a essa, a de que o falante tem conhecimento de que esse bem virá a perecer em curto prazo, pelo menos em um prazo inferior a séculos ou décadas. A segunda refere-se ao fato de que o dicionarista realiza a descrição do item *impercível* sem lançar mão do emprego do *não-* prefixal.

Analisemos, agora, o contraste entre “falta de início” e “abandono de uma prática ou ato”.

Contraste entre as expressões de “Falta de início” e “Abandono ou exclusão de uma prática ou ato”

Falta de início de uma prática/ato	Abandono de uma prática/ato
Não autorizado	Desautorizado
Não-convocação	Desconvocação

Quadro 03

Apreciemos as seguintes ocorrências:

(22) ...uso NÃO AUTORIZADO e indevido do meu nome.

(23) ...sua NÃO -CONVOCAÇÃO naquela oportunidade...provocou...

Nesses contextos, as mensagens são naturalmente interpretadas como: ‘Não houve autorização de uso do meu nome’ e ‘A sua convocação não ocorreu’ Em uma situação em que o prefixo *des-* venha a ser associado às mesmas bases, nos mesmos contextos, as ideias expressas passam a ser: ‘havia uma autorização prévia que foi suspensa ou retirada’; e ‘teria sido desfeita uma convocação realizada anteriormente’.

A seguir, veremos o contraste, ligado ao funcionamento do *não* prefixal, como um instrumento de restrição de uma base com sentido genérico.

Contraste entre o “Valor semântico das formas em face da restrição ou generalização de sentido”

Qualidade/estado situacional (idéia de condição transitória)	Sentido genérico
Não-editado	Inédito

Quadro 04

Para demonstrarmos com maior clareza a função especificadora e/ou restritiva do prefixo *não-*, nesse contexto, vamos, inicialmente, observar a descrição de sentido da palavra *inédito* por ABHF:

Inédito [Do lat. *ineditu.*]. Adjetivo. 1.Não publicado ou não impresso: *livro inédito*. 2.Fig. Nunca visto; original; incomum: “Todos os acepipes raros, todos os vinhos inéditos, todas as esquisitas gulodices” (Fialho d’Almeida, *Pasquinadas*, p. 339). Substantivo masculino. 3.Obra que ainda não foi publicada: *Anunciam-se novos inéditos de Guimarães Rosa*.

Essa observação nos revela que o termo *inédito*, na condição de adjetivo, possui como significado de base a acepção de ‘não publicado’ ou ‘não impresso’ e, como sentido figurativo, algo: ‘nunca visto’; ‘original’; ‘incomum’, o que

representa a generalização do seu valor semântico. Vejamos, pois, duas interpretações mais salientes dessa ocorrência:

(24) ...inscrições de textos NÃO -EDITADOS e não-encenados.

- A subtração do valor figurativo do termo *inérito*. Essa forma pode apresentar um significado mais abrangente, qual seja: ‘nunca visto’ ou ‘original’ ou ‘incomum’, ao passo que o termo *não-editado* apresentará normalmente uma significação mais restrita, ou seja, ‘ainda não foi dado a público’.
- A ideia de condição transitória emprestada pelo *não* à base *editado*: os textos poderão vir a ser editados.

Vejamos, agora, um caso em que a prefixação de uma mesma base com o *não-* e com o prefixo *in-* resulta em itens lexicais com sentidos completamente diferentes:

Contraste entre as acepções “Falta de início de um ato” e “Danificação (de algo)”

Falta de início de um ato	Idéia de destruição de algo
Não-utilização	Inutilização

Quadro 05

Entre os casos em que se pode perceber a não-sinonímia entre as formas construídas a partir dos elementos prefixais em análise, talvez esse seja o mais evidente. Ao considerar a ocorrência:

(25) ...cobram a postura ... em relação à NÃO-UTILIZAÇÃO.

É possível perceber que *não-utilização* significa a ‘falta de utilização’, ao passo que, se nesse mesmo contexto for empregado o item *inutilização*, a idéia será de ‘danificação de algo, a ponto de impedir a sua utilização’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo sobre o desenvolvimento do prefixo *não-*, pudemos observar que:

- em alguns contextos, é muito sutil a diferença de significado entre formações geradas com o uso do prefixo *não* ou dos **PTNs**.
- em outros, como, por exemplo, naqueles em que o *não* prefixal indica ‘Falta de início de uma prática ou ato’: *não-autorizado*, *não convocação*; ‘restrição de sentido’: *não-editado*, podemos enxergar claramente a autonomia funcional do prefixo *não-*. Nesses casos, sem dúvida, a semente de gramaticalização desse item encontrou um terreno mais fértil e propício.

Por se encontrar o processo ainda em um estágio relativamente inicial, é natural que surjam situações de uma aparente sinonímia, a ponto de, como foi visto em alguns casos, se tornar difícil estabelecermos alguma diferença de valor semântico entre as formações construídas a partir do uso de um dos **PTNs** e do *não-*, antepostos à mesma base, o que caracteriza o estágio intermediário “A ~ B”.

Assim, em consonância com Martelotta (2003, p. 69), admitindo a mudança como um fenômeno tridimensional, no qual estão envolvidos os fatores *cognição*, *uso* e *tempo*, ao considerar o fenômeno aqui interpretado, podemos perceber a ação do elemento *cognição*, quando o usuário da língua vai lançando mão de novos *usos* do elemento prefixal *não-*. Resta, então aguardarmos a ação do fator *tempo*, para que possamos apreciar uma plena consolidação do fenômeno, ou seja, o estágio “B”.

Acreditamos que, assim como o fizemos no desenvolvimento morfossintático, também no estudo do desempenho semântico podemos empregar, a título de ilustração, o esquema proposto por Hopper e Traugott, anteriormente apresentado e a seguir repetido, a título de elucidação:

$$A > \left\{ \begin{array}{c} A \\ B \end{array} \right\} > B \quad \text{ou} \quad A > A \sim B > B$$

Norteados por esse diagrama, em resposta à questão: “Quando é que podemos atestar a consolidação de uma mudança?” apontamos a situação “A” em que o usuário da língua lança mão apenas dos **PTNs** para expressar a negação

prefixal. Com a escalada de gramaticalização do advérbio *não* em direção ao estatuto de prefixo, ele passa gradativamente a contar com mais um recurso linguístico para essa função, ou seja, o emprego do prefixo *não-* empresta uma acepção genuína às bases a que se adjunge.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de (1999). *Gramática metódica da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Saraiva.

ALVES, Ieda Maria (1987). A produtividade do prefixo não- no português contemporâneo. *SBPC, Ciência e Cultura*, v. XXXIX, n. 11, p. 1026-1028.

ALVES, Ieda Maria (1990). *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática.

BECHARA, Evanildo (1976). *Moderna gramática portuguesa: cursos de 1º e 2º graus*. 20. ed. São Paulo: Nacional.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1974). *Princípios de lingüística geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica.

CAMPOS, Lucas Santos (2001). *A gramaticalização do não como prefixo no português brasileiro contemporâneo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2 v.

CEGALLA, Domingos Paschoal (1995). *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 38. ed. São Paulo: Nacional.

COUTINHO, Ismael de Lima (1958). *Gramática histórica*. 4. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Acadêmica.

CUNHA, Celso Ferreira da (1986). *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindlley (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antônio & CEZARIO, Maria Maura (2003). Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela & MARTELOTTA, Mário. (Orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A. p. 29-55.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira (1999). *A formação de palavras por prefixo em português*. Fortaleza: EUFC.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira (1998). O prefixo segundo o critério da produtividade. *Revista de Letras*, v. I/II, n. 20, p. 81-85.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2000). *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GUIRAUD, Pierre (1989). *A semântica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand.

HEINE, Bernd (2003). Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard. (Orgs.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell. p. 575-601.

HOPPER, Paul (1991). On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth (2003[1993]). *Grammaticalization*. Cambridge: Syndicate of The University of Cambridge.

HUBER, Joseph (1986). *Gramática do português antigo*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

IORGU, Iordan; MANOLIU, Maria (1989). *Manual de lingüística românica*. (Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar). Madrid: Gredos. v. II.

JAKOBSON, Roman (1969). Lingüística e poética. In: *Lingüística e comunicação*. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/USP. p. 118-162.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião & CEZARIO, Maria Maura (1995). (Orgs.). *Gramaticalização e desgramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ.

MARTELOTTA, Mário (2003). A mudança lingüística. In: CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela & MARTELOTTA, Mário. (Orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A. p. 57-71.

MARTELOTTA, Mário; AREAS, Eduardo (2003). A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela & MARTELOTTA, Mário. (Orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A. p. 17-28.

MAURER JR., Theodoro Henrique (1951). A unidade da România Ocidental. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, (Boletim 126, Filologia Românica, n. 2).

PEREIRA, Eduardo Carlos (1926). *Gramática expositiva curso superior*. 84. ed. São Paulo: Nacional.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da (1998). *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio.

SACCONI, Luiz Antonio (1982). *Nossa gramática: teoria e prática*. São Paulo: Atual.

SAID ALI, M. (1965). *Gramática histórica da língua portuguêsã*. 5. ed. melhorada e aumentada em Lexeologia e Formação de palavras e Sintaxe do Português Histórico. São Paulo: Melhoramentos.

SANDMANN, Antônio José (1996). *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. 2. ed. Curitiba: UFPR.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte (1994). Reflexões sobre a pesquisa em mudança lingüística. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. X.

SOUSA DA SILVEIRA, Álvaro Ferdinando (1952). *Lições de português*. 5. ed. melhorada. Rio de Janeiro/Coimbra: Livros de Portugal/Atlântica.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard (2003). *Regularity in semantic change*. Cambridge: Syndicate of The University of Cambridge.